



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

CAMPUS JORGE AMADO

**CENTRO DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS AGROFLORESTAIS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS**

LEONARDO NUNES MENEZES

**SISTEMA ECONÔMICO LOCAL UNIVERSITÁRIO (SELU): EXPERIÊNCIAS DA
COMUNIDADE UFSB NA IMPLANTAÇÃO DE UMA MOEDA SOCIAL NO
CAMPUS JORGE AMADO**

ITABUNA - BA

2025

LEONARDO NUNES MENEZES

**Sistema Econômico Local Universitário (SELU):
experiências da comunidade UFSB na implantação de uma
moeda social no Campus Jorge Amado**

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, *Campus Jorge Amado*, como parte dos requisitos do Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II em Ciências.

Orientadora: Luana Oliveira Sampaio

ITABUNA - BA

2025

LEONARDO NUNES MENEZES

**Sistema Econômico Local Universitário (SELU): experiências
da comunidade UFSB na implantação de uma moeda social no
Campus Jorge Amado**

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, *Campus Jorge Amado* como parte dos requisitos do Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II em Ciências.

Aprovado:

Luana Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Sul da Bahia
Orientador

Valerie Nicollier
Universidade Federal do Sul da Bahia
Membro Convidado

Altemar Felberg
Universidade Federal do Sul da Bahia
Membro Convidado

Dedico este trabalho em memória de minha
vó, que cuida de mim onde quer que esteja e
à minha mãe por todo apoio incondicional,
você é um exemplo!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Professora Luana, por toda paciência e disponibilidade durante esse processo de conclusão e também por iniciar e acreditar nesse projeto maravilhoso e transformador que é o SELU. Aos colegas que se tornaram amigos durante toda caminhada nesse curso, especialmente à Isabele Wense, Isabelli Santos, Tassiana Coelho e tantos outros. Conhecer vocês tornou essa jornada mais que especial e fez tudo isso valer a pena.

**SISTEMA ECONÔMICO LOCAL UNIVERSITÁRIO (SELU): EXPERIÊNCIAS A
COMUNIDADE UFSB NA IMPLANTAÇÃO DE UMA MOEDA SOCIAL NO
CAMPUS JORGE AMADO**

RESUMO

Diante das mazelas do capitalismo improdutivo e das incessantes crises monetárias, vem crescendo o interesse pela prática monetária social em todo o mundo. Estudos comprovam que a universidade pública tem papel fundamental em difundir a economia solidária para toda a sociedade. Através de uma pesquisa participante de abordagem qualitativa e caráter descritivo e exploratório, baseada na análise de conteúdo dos relatos de experiência, esse estudo investigou a experiência prática dos estudantes da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB cursantes do CC Dinheiro e Sociedade com o Sistema Econômico Local Universitário - SELU, seus desafios e o impacto na compreensão dos aspectos introdutórios da economia solidária. Os resultados apontaram para a importância da acessibilidade da plataforma, o aprendizado prático sobre os valores da economia solidária e as dificuldades encontradas pelos alunos na implementação do sistema. A experiência de estudantes da UFSB com uma moeda social proporcionou um espaço de aprendizado prático, permitindo aos alunos vivenciarem os desafios e as potencialidades da economia solidária no contexto universitário. A pesquisa conclui que apesar dos desafios o SELU representa uma iniciativa promissora para promover a economia solidária, a solidariedade e o consumo consciente na comunidade acadêmica, sendo necessário, entretanto, investir em melhorias na plataforma e na comunicação para atingir o seu potencial. O estudo também sugere abordagens para investigações futuras.

Palavras-chave: comunidade acadêmica; economia solidária; moeda social; sistema de trocas.

**UNIVERSITY LOCAL ECONOMIC SYSTEM (SELU): EXPERIENCES OF THE
UFSB COMMUNITY IN THE IMPLEMENTATION OF A SOCIAL CURRENCY AT
THE JORGE AMADO CAMPUS**

ABSTRACT

Facing the ills of unproductive capitalism and the relentless monetary crises, interest in social monetary practices has been growing worldwide. Studies confirm that public universities play a fundamental role in disseminating solidarity economy principles throughout society. Through a qualitative, descriptive, and exploratory participatory research approach, based on content analysis of experience reports, this study investigated the practical experience of students from the Federal University of the South of Bahia (UFSB) enrolled in the "Money and Society" course with the University Local Economic System (SELU), its challenges, and its impact on understanding the introductory aspects of the solidarity economy. The results highlighted the importance of platform accessibility, practical learning about the values of the solidarity economy, and the difficulties faced by students in implementing the system. The experience of UFSB students with a social currency provided a space for practical learning, allowing students to experience both the challenges and potential of the solidarity economy within the university context. The research concludes that, despite the challenges, SELU represents a promising initiative to promote the solidarity economy, mutual support, and conscious consumption within the academic community. However, investment in platform improvements and communication strategies is necessary to reach its full potential. The study also suggests approaches for future research.

Keywords: academic community; solidarity economy; social currency; exchange system.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	11
3. REVISÃO DE LITERATURA	12
Uma breve história conceitual da moeda.....	12
A Era do capital Improdutivo.....	15
Economia solidaria e moedas alternativas.....	17
4. MATERIAL E MÉTODOS	21
Componente Curricular: Dinheiro e Sociedade e seus desdobramentos	21
Tipo de Pesquisa	22
Abordagem	23
Instrumento e Técnica de Análise de Dados	23
Amostra e População	25
Universo.....	25
Instrumentos de Coleta de Dados	26
Análise de Dados.....	26
Benefícios da Pesquisa	27
Termo de Adesão do SELU	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
Categoria 1. Facilidade de uso e Acessibilidade da Plataforma.	30
Categoria 2. Impacto Pessoal e Aprendizado.....	34
Categoria 3. Percepção e Impacto do SELU.....	40
Categoria 4. Desafios e Sugestões de Melhoria.....	44
6. CONCLUSÕES	51
7. REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS	56
ANEXO A.....	56

1. INTRODUÇÃO

A Economia Solidária se apresenta como uma nova forma de produção e consumo, diferente do modelo vigente. Esta nova forma prioriza as pessoas e a natureza, buscando uma relação social e de consumo mais sustentável, em vez de buscar o acúmulo de bens materiais (Oliveira et al., 2022). Singer (2001) aponta que, em contraponto ao capitalismo competitivo, existe a solidariedade, que se posiciona como um recurso para aqueles que não possuem capital.

Brito e Oliveira (2019), afirmam que no contexto das economias solidárias, as moedas sociais de destacam como instrumentos com potencial para incentivar o desenvolvimento da região em que está inserida, devido à falta de acesso dessas áreas às políticas governamentais de desenvolvimento e como isso afeta a vida das pessoas. Outros autores também relatam que as moedas sociais têm sido usadas como um instrumento para o desenvolvimento local e que essa dinâmica traz de volta o debate sobre o papel do dinheiro na sociedade, considerando as mais diversas perspectivas (Rigo; Filho, 2017; Lechat, 2002).

Segundo Blanc (s/d) apud Búrigo (2001, p. 7) as tentativas de uso de moedas paralelas são um fenômeno frequente. O autor detectou 465 exemplos do uso de “instrumentos monetários paralelos” em 136 estados nacionais por todo o mundo. As moedas sociais podem ser vistas como exemplos de constituição de redes de socioeconomia solidária (Búrigo, 2001, p. 10). Théret (2008) contribui para essa discussão ao explicar a natureza da moeda numa perspectiva interdisciplinar, em que a confiança é um elemento chave. Os bancos comunitários de desenvolvimento e as moedas sociais, como o Banco Palmas e a moeda Palmas da experiência pioneira do conjunto Palmeiras, possibilitam o desenvolvimento local e solidário da região em que se instalaram, através da oferta de créditos de baixo custo, visando a melhoria da qualidade de vida da população que não teria acesso ao crédito dos bancos tradicionais (Brito; Oliveira, 2019; Rigo; Filho, 2017).

Dentro desse cenário, Oliveira et al. (2022) aponta que as universidades, principalmente as universidades públicas, têm um papel importante no incentivo à Economia Solidária, através de políticas públicas voltadas para o ensino e divulgação dessa atividade econômica, onde elas podem ajudar a fortalecer esse movimento, identificando ações de ensino, pesquisa e extensão. A extensão universitária pode se relacionar com a economia solidária de diversas maneiras,

promovendo a integração entre ensino, pesquisa e ação comunitária, como é o caso das ITCPs (Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares), que são programas de extensão que apoiam a criação e o desenvolvimento de empreendimentos e cooperativas solidárias, fornecendo assessoria técnica, gerencial e de formação sociopolítica que ajudam na estruturação de processos de produção, gestão e comercialização (Costa; Dias; Silva, 2023).

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) aprovou, em 2023, a Resolução 12/2023, que institui e dispõe a política de economia solidária da instituição. Essa resolução foi fruto da articulação entre a Pró-reitoria de Extensão (PROEX), a Pró-reitoria de Ações Afirmativas, a Assessoria de Sustentabilidade e a coordenadora do Projeto SELU, Luana Oliveira Sampaio. Ainda em 2023, foi formado o Conselho Gestor da Incubadora de Tecnologias Sociais e Economia Solidária do Sul e Extremo Sul da Bahia (ITESBA), estabelecido pela Resolução UFSB 34/2020, com representação de docentes, discentes e técnicos da UFSB, além do Centro Público de Economia Solidária do Litoral Sul (CESOL). Essa movimentação evidencia a relevância crescente do tema dentro da universidade.

Autores como Rigo e Filho (2017) apontam a importância de se compreenderem as experiências de moedas sociais de uma maneira territorializada, considerando as especificidades de cada contexto. Dessa forma é de se incluir as universidades públicas e federais no contexto de territorialização das moedas sociais e entender os contextos desse território na utilização e propagação da economia solidária. Segundo Oliveira et al. (2022) apesar dos avanços, ainda são poucos os cursos de graduação e pós-graduação que se dedicam à Economia Solidária.

O Sistema Econômico Local Universitário (SELU) é um sistema alternativo de crédito mútuo implementado na comunidade acadêmica da UFSB, baseado nos princípios da economia solidária, valoriza a solidariedade, a prosperidade, a sustentabilidade e o senso comunitário. Para fomentar as trocas entre os membros, foi criada a Moeda Universitária Solidária (MUS), uma moeda social virtual.

A importância de um projeto como a MUS vai muito além da questão econômica, ele possibilita que as universidades se reconfigurem como espaço de transformação social, onde práticas econômicas justas, solidárias e sustentáveis podem se tornar realidade. Diante disso, este estudo busca responder: Qual a percepção dos estudantes participantes do CC Dinheiro e Sociedade no que diz respeito à experiência de uso da MUS no Sistema Econômico Local Universitário

(SELU) da UFSB? E de que forma essa experiência discente com o MUS contribuiu para a compreensão sobre conceitos introdutórios da Economia Solidária?

O objetivo geral desta pesquisa é relatar e analisar as experiências de 13 alunos da UFSB, ao usar a moeda social MUS no SELU, durante o CC Dinheiro e Sociedade e entender a dinâmica de uso da plataforma Cyclos¹, pontos fortes e possíveis melhorias.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para reflexão sobre o dinheiro e outras formas de economia. Ao experimentar a MUS, o SELU se torna um espaço de aprendizado interdisciplinar e colaborativo, desconstruindo ideias antigas sobre o dinheiro e valorizando os princípios da economia solidária, como a solidariedade, a prosperidade, a sustentabilidade e o senso comunitário.

¹ Acesse pelo link: <https://communities.cyclos.org/selu>

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Relatar e analisar as experiências de um grupo de 13 discentes da Universidade Federal do Sul da Bahia com o uso da Moeda Universitária Solidária MUS no Sistema Econômico Local Universitário (SELU), no contexto do CC Dinheiro e Sociedade.

2.2. Objetivos específicos

Descrever algumas vivências de alunos no SELU com o uso da moeda MUS.

Discutir as percepções dos alunos sobre os impactos e desafios do uso da MUS no contexto do SELU.

Identificar os principais problemas e dificuldades apontados pelos discentes na utilização da MUS no contexto do SELU.

Analizar como o uso da MUS e a participação no SELU contribuíram para a compreensão dos alunos sobre conceitos introdutórios da Economia Solidária.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Uma breve história conceitual da moeda

A moeda é uma criação social que está intimamente ligada à história dos seres humanos, e dela tem-se vestígios na maioria das sociedades, principalmente quando passamos de uma economia baseada na troca direta, para uma baseada na troca indireta (Théret, 2008).

Rigo e Filho (2017) citando Aglietta e Orléan (1990) dizem que os seres humanos como seres sociais, desde os primórdios, viviam em pequenas comunidades primitivas onde os espólios eram repartidos entre seus membros. À medida que essas comunidades se desenvolviam, a interação entre elas se tornava inevitável, cujo resultado foi uma forma simples de troca, chamada escambo, onde animais, produtos agrícolas e objetos eram comparados e trocados. Segundo Búrigo (2001) as sociedades humanas usaram diferentes objetos como produto de troca, desde os citados produtos naturais, até itens simbólicos e culturais, como adereços e conchas. Feiras comerciais se desenvolveram a partir dessas trocas em diversas regiões como Ásia, Europa Mediterrânea, Oriente Médio e Norte da África, indicando que mesmo em sociedades mais antigas os humanos já tinham vocação para o comércio, antes mesmo do capitalismo e das moedas nacionais.

Então o escambo tornou-se mais complexo, surgindo uma alternativa mais abrangente, prática e "equitativa" como novo meio de troca, a moeda, que passa a ser também um mecanismo de expressão do valor das coisas (Aglietta; Orléan, 1990, apud Rigo; Filho, 2017).

Rigo e Filho (2017), argumentam com base no pensamento de outros estudiosos que a história resumida acima foi criada para explicar a origem da moeda moderna, conhecida hoje como moeda de mercado, mas não da moeda em si, como prática e instituição. Os autores ressaltam que a moeda vai além de sua função prática de facilitar as trocas comerciais, possuindo significados simbólicos, culturais e sociais. Eles argumentam que o valor da moeda não se restringe à sua utilidade como meio de troca, sendo moldado por crenças, valores e práticas culturais que influenciam as relações econômicas na sociedade. Em suma, para os autores, a moeda vale o que cremos que ela vale.

Mauss (2003), identifica em seu estudo *Ensaio sobre a dádiva* que em algumas sociedades primitivas havia não precisamente trocas, mas sim prestações, essas tinham formato diferenciado da ‘economia natural’, a qual chamou de dádiva (também descrito como presente) e seguiam o princípio de dar-receber-retribuir.

Para Rigo e Filho (2017), numa perspectiva antropológica a “dádiva” é um sistema de trocas de bens ou serviços em que a importância não está na circulação dos bens, mas na satisfação utilitária da troca de mercadorias, além dos vínculos estabelecidos por meio das relações geradas. Tudo o que está em circulação é em benefício ao estabelecimento e manutenção de laços sociais. “É uma relação que não procura a equidade na troca, mas um sentimento de dívida espontânea, voluntária, em que as partes se sentem disposta a doarem de forma incondicional, sem garantia de retorno” (Rigo; Filho, 2017, p. 175).

Essa abordagem ressalta a importância dos aspectos sociais e simbólicos nas práticas econômicas, destacando que as trocas baseadas na dádiva não se limitam a transações comerciais, mas têm um significado mais profundo na construção e manutenção das relações comunitárias. Os autores enfatizam a relevância dos valores culturais, da solidariedade e da cooperação na organização das atividades econômicas em contextos diversos, enfatizando a tríplice ação dar-receber-retribuir como uma condição fundamental da vida (Mauss, 2003; Rigo; Filho, 2017; Théret, 2008).

Para Théret (2008), o estudo da moeda deve-se abstrair de sua concepção tradicional, assim não sendo resumida a traço das sociedades capitalistas modernas e instrumento de troca mercantil, mas que a universalidade do ato monetário está em sua natureza de representação da totalidade social, tanto em sociedades modernas, quanto nas primitivas.

Búrigo (2001) destaca que com a consolidação dos estados nacionais, o dinheiro tornou-se sinônimo de riqueza e poder. Marx, Weber e Simmel analisaram sua importância em diferentes aspectos: Marx discutiu o conceito do valor de uso e do valor de troca, além do poder alienante do dinheiro no sistema capitalista; Weber estudou o papel do dinheiro na racionalização da vida social e no poder das instituições financeiras e do estado; Simmel concordava com a visão de Marx sobre o poder de alienação do dinheiro, mas enfatizava a facilitação das transações e a liberdade pessoal proporcionadas pela moeda.

Théret (2008), por sua vez, chega a uma conclusão que ecoa com o poder alienante discutido por Marx, ao afirmar que a moeda vai além de uma mediadora de transações comerciais, ela influencia também as relações sociais tornando natural as disparidades sociais. Ela tem o poder de transformar conflitos sociais em meras diferenças de status, ajudando a dissimular o que era luta de classes em luta por ascensão social. Só durante as crises é possível entender como a criação e distribuição da moeda afetam a distribuição de recursos e poder na sociedade. O autor ressalta que a moeda, em geral, não é portadora de conceitos e valores morais, mas toma emprestado aqueles aos quais transações ela medeia.

De acordo com Búrigo (2001) o dinheiro adquiriu diversas funções, especialmente no contexto do sistema capitalista. Segundo ele, o dinheiro é um equivalente geral, podendo ser trocado por qualquer mercadoria; é medida de valor, pois permite quantificar o valor de uma mercadoria comparada com outra; é instrumento de circulação de mercadorias, pois permite a troca de mercadorias de forma indireta; é um meio de pagamento e reserva de valor.

Não faz parte do objetivo desse trabalho apresentar a diferença entre dinheiro e moeda, mas para distinguir o conceito de moeda e dinheiro pode-se recorrer à síntese proposta por Costa:

“Moeda é um ativo normalmente oferecido ou recebido pela compra ou venda; é aquilo que o Estado recebe como pagamento de imposto.”; “Dinheiro é o ativo monetário (criado pelas forças do mercado e/ou pelo poder do Estado) com aceitação geral – legal e social -, para desempenhar todas suas funções clássicas.” (Costa, 2020, p. 77).

O referido autor resume ainda o conceito em uma frase: “todo dinheiro é moeda, mas nem toda moeda é dinheiro” (Costa, 2020, p. 77). Para corroborar esse conceito temos como exemplos o ouro, o sal e o arroz, que já foram sinônimos de “moeda-mercadoria” em alguns locais e momentos da história. Dessa forma podemos afirmar que a moeda não é um material em particular, é um conceito, que engloba o dinheiro, mas pode assumir outras formas.

A Era do capital Improdutivo

No livro "A era do capital improdutivo" de Dowbor (2018), o autor critica a predominância do capital improdutivo, que se refere ao poder financeiro que busca lucros por meio de atividades especulativas, em vez de investimentos produtivos que poderiam gerar empregos e promover o bem-estar social. Dowbor destaca a importância de compreender a dinâmica do sistema econômico atual, que é caracterizado pelo domínio do oligopólio financeiro, a presença de paraísos fiscais e o controle financeiro sobre commodities.

Esses elementos contribuem para a concentração de poder econômico e político nas mãos de poucos, em detrimento da maioria da população. Por exemplo, o autor menciona a existência de oito famílias que possuem mais riqueza do que metade da população mundial, ilustrando a extrema desigualdade na distribuição de renda. Além disso, Dowbor destaca como a acumulação de capital improdutivo resulta em uma crescente disparidade entre os que acumulam fortunas por meio de investimentos financeiros e os que lutam para atender às necessidades básicas, como alimentação e moradia.

Ao analisar a crise de 2008², Dowbor discute a regulação financeira antes, durante e depois desse período. Antes da crise, ele aponta como a desregulamentação iniciada por Reagan, Thatcher e Clinton nas décadas de 80 e 90 enfraqueceu as regras que controlavam o sistema financeiro desde a crise de 1929, permitindo uma expansão descontrolada do setor financeiro que levou à instabilidade que culminou na crise de 2008. Durante a crise, Dowbor critica a ineficácia de leis que não impediram práticas especulativas nem a transferência de enormes quantias de dinheiro público para os grupos financeiros, aprofundando as desigualdades mesmo sem resolver os problemas estruturais do sistema. Após a crise, ele argumenta que a falta de regulação eficaz persistiu, permitindo que o mercado financeiro continuasse a operar sem restrições adequadas, aumentando ainda mais as desigualdades e dificultando o crescimento econômico sustentável. Dowbor defende a necessidade urgente de uma regulação financeira mais rígida e de medidas para limitar a apropriação indevida de recursos públicos, garantindo um sistema econômico mais justo e estável.

² Foi uma crise financeira global que teve origem nos Estados Unidos, desencadeada pelo colapso do mercado imobiliário e pela crise dos subprimes (empréstimos de alto risco).

Dowbor ainda ressalta que o excedente social gerado por avanços tecnológicos na produção é frequentemente apropriado pelo setor financeiro, em detrimento da capacidade da economia gerar crescimento sustentável e inclusivo por meio de investimentos em setores que promovem a criação de empregos, o aumento da produtividade e a melhoria das condições de vida da população. Ele enfatiza a necessidade de repensar o modelo econômico atual, buscando formas de tornar os investimentos mais produtivos e orientados para o benefício coletivo, em vez de apenas para o enriquecimento de uma minoria privilegiada.

“[...] chegamos a uma conclusão bastante óbvia: estamos destruindo o planeta para o proveito de quando muito 1/3 da população mundial, e de forma muito particular para o proveito do 1%. Estes são os dados básicos que orientam as nossas ações futuras: inverter a marcha da destruição do planeta e inverter o processo cumulativo de geração da desigualdade. Para isso temos justamente de reorientar a alocação dos recursos financeiros.”
(Dowbor, 2018, p. 30).

O sistema capitalista, ao priorizar o lucro e a competição, tem gerado uma concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população mundial enfrenta desigualdade e dificuldades. Essa dinâmica, segundo Dowbor, leva à destruição do planeta em benefício de uma pequena parcela da população, tornando urgente a necessidade de reorientar a alocação dos recursos financeiros. Essa urgência nos leva a questionar a lógica do sistema capitalista.

No cenário atual o capitalismo competitivo enfraquece as relações interpessoais em prol da consolidação do poder essencialmente econômico, como aborda Singer (2001) em seu artigo *Economia solidaria versus economia capitalista*, onde relata que em nossa sociedade o capitalismo competitivo abrange a maioria das relações políticas e socioeconômicas, e a competição de mercado torna as relações sociais egoísticas e destrutivas já que recompensa o vencedor como forma de incentivo, assim o desejo de vencer cria perdedores, e esses são punidos e eliminados por isso. Mas, se todo vencido é eliminado, então toda competição é destrutiva, pois tira competidores que são necessários ao “jogo”. “A competição torna-se um fim em si, sem competição não há progresso” (Singer, 2001, p. 104). Dessa forma a sociedade é condicionada culturalmente à competição mesmo em

momentos em que a cooperação deve prevalecer, há evidências da dificuldade de transição entre os dois campos.

Em contraponto a competição temos a solidariedade, que abrange as relações familiares, de vizinhança etc. Para Singer (2001) a competição é menor entre os pobres já que faltam recursos para premiar os vencedores, e é a posse de capital que torna possível a competição. O pobre não recebe herança, não tem patrimônio, não tem seguro, enfim, não tem “facilitadores” e por vezes, não tem o básico para se ter qualidade de vida, isso torna o ato de repartir racional. A economia solidária se encaixa nessa visão, já que segundo o autor, ela compreende diferentes tipos de associações voluntárias com a finalidade de reagir as carências que o sistema capitalista não resolve, sendo a principal a própria pobreza. Assim a economia solidária surge dentro de empresas capitalistas prestes a falir que são assumidas por seus empregados e reorganizadas como cooperativas de produção autogestionárias (ao qual chama de empresas solidárias).

Nesse contexto é possível observar que a economia solidária surge como uma opção de sobrevivência da classe proletária em momentos de recessão e grandes crises no sistema capitalista, formando empresas autogeridas como iniciativa para salvar ou criar empregos (Lechat, 2002; Rigo; Filho, 2017; Singer, 2001).

Economia solidaria e moedas alternativas

A busca por modelos econômicos que priorizem a solidariedade, a autonomia, a responsabilidade social e ambiental tem impulsionado o desenvolvimento da economia solidária. Dentro desse contexto, a temática das moedas alternativas emerge como uma exploração de sistemas de troca que se diferenciam do modelo de mercado convencional, visando fomentar relações mais justas e o desenvolvimento local (Soares, 2011; Oliveira et al., 2022).

No contexto de sistemas de troca que vão além da lógica comercial, um exemplo relevante na antropologia é o Kula, uma complexa forma de troca cerimonial estudado por Malinowski (1978). O Kula consistia na circulação de objetos de valor simbólico, como os colares de conchas vermelhas (soulava) e os braceletes de conchas brancas (mwali), entre diversas tribos situadas em um circuito de ilhas, no extremo oriental da Nova Guiné. Mais do que uma necessidade

econômica no sentido ocidental, essa troca servia como busca de prestígio, pela manutenção de relações sociais e pela afirmação de status entre os participantes. A posse temporária desses itens conferia honra e fortalecia laços sociais, sendo a circulação contínua dos objetos mais importante do que a acumulação. O sistema Kula demonstra que em algumas sociedades, a moeda, ou nesse caso, objetos de valor e a troca podem carregar significados sociais, políticos e rituais profundos ligados à cultura e a religiosidade, indo além da simples transação econômica.

Lechat (2002), menciona que ainda no fim do século XIX surgiram várias aldeias ou comunidades cooperativas, na Inglaterra e nos Estados Unidos, sendo essas algumas das primeiras experiências de formação de economia solidária. Partindo de um contexto de crise econômica ferrenha, o movimento sindical inglês liderou numerosas cooperativas operárias, o que Paulo Singer (2001) nomeou como cooperativismo revolucionário, mas não conseguiram se manter por muito tempo, vencidas pela pressão dos patrões e do governo. Uma das cooperativas mencionadas é a cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochedale, que estabeleceu uma carta de princípios que inspira o cooperativismo e sua legislação a nível mundial.

De acordo com Búrigo (2001), os primeiros movimentos de economia solidária em conjunto com moedas alternativas tiveram início na Europa durante a recessão econômica que assolou o continente e os Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930. Nesse período, houve uma experimentação de novas teorias monetárias, como a experiência do 'Wära' na região da Baviera, Alemanha, e do bônus da pequena vila de Worgl, na Áustria, que buscavam formas alternativas de organização econômica. Essas iniciativas foram uma resposta às dificuldades econômicas enfrentadas na época e representaram uma tentativa de reinventar o mercado por meio da confiança e da reciprocidade, buscando transformar de forma radical o padrão de consumo da época. Assim, esse movimento surgiu como uma forma de enfrentar os desafios econômicos e sociais da época, antes de se expandirem para outras regiões do mundo.

Em 1933, a experiência de Worgl, relatada por Irving Fischer da Universidade Yale, inspirou cerca de 400 vilas nos EUA a criarem suas próprias moedas livres, que o autor chamou de "moedas de emergência", para combater a recessão. Houve um movimento para expandir essas moedas por todo o país, envolvendo parlamentares e técnicos do governo. No entanto, as moedas livres foram

abandonadas não por questões técnicas, mas devido à oposição à descentralização e ao enfraquecimento do poder federal, em conflito com a política de centralização econômica de Roosevelt (Búrigo, 2001).

Ambos os autores evidenciam a relevância das práticas de economia solidária e moedas alternativas como respostas criativas e colaborativas diante de crises econômicas. Enquanto Búrigo destaca a experimentação de novas teorias monetárias e a tentativa de expansão das "moedas de emergência" nos EUA, Lechat ressalta a formação de cooperativas como estratégias de sobrevivência e organização comunitária em momentos de instabilidade econômica.

Segundo Rigo e Filho (2017), os clubes de troca surgiram na Argentina em 1995 durante a crise econômica vivida pelo país nas últimas décadas, como uma prática que estimula a troca de bens e serviços entre as pessoas. Essa iniciativa se difundiu rapidamente, tornando-se uma alternativa em meio à crise dos anos 2000. Conforme Búrigo (2001), esses clubes envolveram principalmente os "novos pobres" afetados pela crise, que buscavam formas alternativas de organização econômica e social. O apoio do setor governamental foi fundamental para a expansão e consolidação dos clubes em várias cidades argentinas, resultando em um movimento significativo que envolveu centenas de milhares de pessoas.

A criação de moedas próprias nesses clubes de troca foi um elemento chave para seu sucesso, já que essas moedas, ao contrário do dinheiro convencional, são concebidas como meios de troca que fomentam a solidariedade e não como reserva de valor. O valor da moeda social reside no trabalho e nos serviços que ela possibilita trocar, e não na acumulação ou especulação. A utilização da moeda social incrementou as trocas e motivou a participação de novos membros, o que consolidou a experiência e acelerou a expansão da Rede Global de Trocas. A grande expansão e popularidade dos clubes de troca argentinos serviu de inspiração para o surgimento de iniciativas semelhantes no Brasil, como diversos clubes de troca e inclusive no Banco de Palmas e a moeda Palmares, o primeiro banco comunitário e a primeira moeda social registrados no Brasil (Rigo; Filho, 2017).

Ainda segundo Rigo e Filho (2017), o processo de criação da moeda Palmares envolveu a participação da comunidade em assembleias, para definir o nome e os desenhos da moeda, demonstrando que a própria comunidade tem o poder de criar o seu próprio dinheiro e que isso é um processo de empoderamento. O nome Palmares foi escolhido em referência ao principal quilombo do Brasil e era

usada em um clube de trocas realizado no bairro. O Banco Palmas foi criado em 1998 e, em 2002, lançou a moeda Palmas.

A moeda Palmas foi inicialmente inspirada na experiência da moeda Palmares, e tinha como objetivo incentivar o comércio local, já que muitos moradores não tinham acesso à moeda oficial. A moeda só circulava dentro do Conjunto Palmeira, gerando um ciclo de desenvolvimento econômico local. Inicialmente, apenas dois estabelecimentos aceitavam a moeda, mas à medida que outros perceberam o aumento do movimento nesses locais, passaram também a aceitar a moeda social (Rigo; Filho, 2017).

A história do Banco Palmas e da moeda Palmas ilustra como as moedas sociais podem surgir como resposta a necessidades específicas de uma comunidade, buscando alternativas ao sistema financeiro tradicional e promovendo o desenvolvimento local com base em princípios de solidariedade e cooperação, como expressados anteriormente pelos autores Lechat (2002), Dowbor (2018) e Singer (2001). No entanto, é importante analisar os desafios e paradoxos que surgem com o uso dessas moedas, como a diminuição de sua circulação no território, mesmo com o aumento do consumo local, como demonstrado pelo estudo de Rigo e Filho (2017) sobre o Banco Palmas.

As experiências de moedas sociais e clubes de troca, tanto na Argentina como no Brasil, demonstram a possibilidade de criar formas alternativas de organização econômica que valorizem a solidariedade, a cooperação e o desenvolvimento local, em contraposição à lógica do sistema capitalista que prioriza a competição e a acumulação de capital. As moedas sociais, como um instrumento para esse fim, desafiam as teorias monetárias clássicas e nos levam a repensar a função do dinheiro na sociedade.

Essas narrativas históricas revelam a importância de olhar para o passado em busca de lições e inspirações para enfrentar os desafios econômicos e sociais contemporâneos.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa teve como objetivo relatar e analisar as vivências dos alunos da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) ao usar a moeda social MUS no Sistema Econômico Local Universitário (SELU), no componente curricular (CC) Dinheiro e Sociedade. O método escolhido foi a pesquisa participante, um tipo de estudo em que o pesquisador se envolve diretamente na coleta de dados e na interpretação das vivências dos participantes (Thiollent, 2011).

Componente Curricular: Dinheiro e Sociedade e seus desdobramentos

O componente curricular Dinheiro e Sociedade foi criado pela docente Luana Oliveira Sampaio, para compor o currículo dos cursos de Licenciatura Interdisciplinar em Matemática, Computação e suas Tecnologias e de Engenharia Ambiental e da Sustentabilidade da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e tem como foco o estudo de temas como economia solidária, moedas sociais, sistemas econômicos locais e consumo consciente. Ofertado a partir de 2018, até então, sete turmas ministradas pela Profa. Luana Sampaio, com a participação de 72 alunos. O curso busca promover reflexões sobre o papel social do dinheiro e incentivar práticas econômicas alternativas baseadas na cooperação e na solidariedade.

O conteúdo programático de "Dinheiro e Sociedade" abrange diversos temas, incluindo a natureza do dinheiro, seu impacto na sociedade, a importância do consumo consciente e sustentável, os princípios da economia solidária, a dinâmica da cooperação em oposição à competição, o estudo de moedas sociais e sistemas econômicos locais. O CC inclui atividades teóricas e práticas, onde os discentes são incentivados a trocar experiências entre si, organizar Feiras de Trocas abertas à comunidade externa e visitar comunidades da Bahia que utilizam moedas sociais, como Serra Grande (Uruçuca), Inkiri Piracanga (Maraú) e Canavieiras. Essas visitas permitiram que os alunos compreendessem a dinâmica dos sistemas econômicos locais e suas aplicações fora do contexto acadêmico, na sua prática real.

Além de proporcionar uma vivência prática sobre sistemas econômicos alternativos, a disciplina promove debates sobre cooperação versus competição e incentiva a experimentação de novos modelos de interação econômica. Dessa forma, a participação no componente curricular Dinheiro e Sociedade não apenas amplia o repertório teórico dos alunos, mas também os engaja em práticas de

economia solidária dentro da universidade, criando um espaço de aprendizado interdisciplinar e colaborativo.

Dentro desse contexto, como trabalho final de “Dinheiro e Sociedade”, nasceu o Sistema Econômico Local Universitário (SELU), um projeto de extensão, coordenado pela Profa. Luana Sampaio, de 2019 a 2021, que propõe a implantação de uma moeda social virtual chamada Moeda Universitária Solidária (MUS). Inspirado no Sistema Econômico Local de Serra Grande (SELS), o SELU começou como uma iniciativa experimental aplicada apenas aos discentes e monitores do componente curricular. Desde então, foi se constituindo um coletivo interessado em trabalhar para a implantação e desenvolvimento do SELU.

Da experiência com o Projeto de Extensão, surgiu o Projeto de Pesquisa SELU, também coordenado pela Profa. Luana Sampaio, que foi executado em 2020 com o objetivo geral de analisar e realizar ajustes na estrutura da plataforma virtual utilizada, visando melhor funcionamento do Sistema Econômico Local Universitário (SELU), para posterior expansão do Sistema na comunidade acadêmica.

A experiência e o interesse coletivo demonstraram potencial para esta expansão. Sendo assim, em novembro de 2021 foi constituída uma Comissão Executiva, coordenada pela Profa. Luana Sampaio, para criar um desenho organizacional para o funcionamento do SELU na UFSB. Nesta Comissão houve participação de docentes dos três campi da UFSB, representantes dos discentes, da Pró-reitoria de Extensão, da Pró-reitoria de Ações Afirmativas e da Assessoria de Sustentabilidade, além de convidados externos à UFSB.

O trabalho desta Comissão culminou na publicação em 2023 de duas Resoluções, uma estabelecendo as Políticas de Economia Solidária da UFSB e outra institucionalizando o SELU como uma destas políticas. Em 2024 a UFSB atravessou um longo período de greve, o que causou uma desarticulação. Em 2025, a UFSB está em vias de constituir a Equipe Gestora do SELU, que será norteada pelas Resoluções para reativar e ampliar o uso da moeda MUS, contando com o suporte da Incubadora de Tecnologias Sociais e Economia Solidária do Sul e Extremo Sul da Bahia - ITESBA, vinculada à da PROEX/UFSB.

Tipo de Pesquisa

É uma pesquisa que tem como foco entender as experiências e visões dos alunos sobre o uso da moeda social MUS. Também é uma pesquisa em que os

alunos não são apenas sujeitos da pesquisa, mas também colaboradores, dividindo suas vivências e pensamentos durante todo o processo. A pesquisa participante, conforme disposto por Thiollent (2011), envolve a interação ativa entre o pesquisador e os participantes, em que este busca coletar dados e envolver os alunos na reflexão e mudança de suas próprias realidades.

Abordagem

A abordagem adotada foi qualitativa. Lakatos e Marconi (2017) definem essa abordagem como aquela que busca compreender contextos e realidades com base na percepção trazidas através de diferentes instrumentos qualitativos de pesquisa, como a entrevista, por exemplo. Nesse estudo, o intuito foi coletar *feedbacks* dos alunos do componente curricular para gerar um relatório sobre possíveis melhorias que o sistema poderia ter.

A pesquisa também tem caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória é útil quando o tema ainda não foi estudado o bastante, permitindo coletar dados iniciais para uma melhor compreensão de determinado fenômeno. No caso dessa pesquisa, o uso da moeda social MUS no SELU é um fenômeno raro e a intenção é explorar as experiências dos estudantes para gerar um entendimento inicial sobre os efeitos dessa prática no ambiente acadêmico.

Por sua vez, a pesquisa descritiva é definida por Lakatos e Marconi (2017), como aquela que busca apresentar os fenômenos de forma detalhada, sem manipulação das variáveis envolvidas. Neste estudo, buscou-se descrever as visões dos alunos e os problemas relacionados ao uso da moeda social, oferecendo uma análise dos aspectos que estão envolvidos e das experiências que foram vividas pelos alunos.

Instrumento e Técnica de Análise de Dados

O instrumento de pesquisa utilizado foi o relato de experiência por escrito e uma entrevista. O relato de experiência por escrito foi realizado ao final do componente curricular Dinheiro e Sociedade, através dos relatos sobre suas experiências e *feedbacks*, a partir dos questionamentos, direcionando o relato desses para o foco do estudo. Os *feedbacks* e as experiências coletados estão relacionados àqueles vivenciados durante o componente e, sobre a utilização do

SELU e da plataforma digital Cyclos³, que é a plataforma onde o sistema pode ser acessado, com a moeda virtual MUS. Por outro lado, a entrevista foi realizada de forma presencial, com gravação em vídeo feita por celular, com uma ex-aluna do mesmo componente curricular, que participou ativamente de fases iniciais da implementação do SELU, sendo posteriormente, transcrita manualmente para o Programa Microsoft Word.

A operacionalização da Moeda Universitária Solidária (MUS) começou com a plataforma IntegralCES, escolhida por suas funcionalidades básicas e pela experiência de outras comunidades no uso de moedas sociais. No entanto, com o avanço do projeto, optou-se pela migração para a plataforma Cyclos. O Cyclos é um software bancário de código aberto desenvolvido pelo grupo STRO (<https://socialtrade.nl/>), lançado em 2003 e escrito em Java. Projetado para sistemas de microfinanças e moedas complementares, a plataforma permite transações seguras, gestão de contas e acompanhamento das dinâmicas de trocas dentro do SELU. O sistema pode ser acessado tanto via web quanto por aplicativo para smartphones e está disponível em diversos idiomas, incluindo o português.

O acesso direto à plataforma SELU, para consulta e exploração de suas funcionalidades, pode ser realizado através do seguinte endereço eletrônico: <https://communities.cyclos.org/selu>.

Os dados foram analisados a partir das experiências relatadas pelos alunos, com o objetivo de entender suas percepções sobre o uso da moeda social MUS, suas dificuldades, os benefícios que ela trouxe e o impacto que teve na sua compreensão dos conceitos introdutórios de economia solidária. Durante o processo, foi realizada uma codificação cuidadosa das falas dos participantes, de modo a identificar os padrões e temas principais, proporcionando uma análise aprofundada das vivências dos discentes no contexto da moeda social no SELU.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, uma técnica que permite identificar temas recorrentes e interpretar as narrativas dos participantes. Essa abordagem é baseada na proposta de Bardin (2015), que é amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, especialmente, quando se busca interpretar as percepções e experiências dos participantes. A análise de conteúdo envolveu uma organização sistemática das informações coletadas, identificando

³ Acesse pelo link: <https://communities.cyclos.org/selu>

categorias que emergem dos dados, o que facilita a compreensão dos significados e das relações entre os temas abordados.

Amostra e População

A população desta pesquisa foi composta por discentes da UFSB que tiveram experiência com o uso da moeda social MUS no contexto do SELU, por meio de sua participação no componente curricular Dinheiro e Sociedade. Esse componente, criado pela docente Luana Oliveira Sampaio e ofertado sete vezes entre 2018 e 2022, contou com a aprovação de 72 alunos. A amostra analisada neste estudo é composta por 13 desses alunos, todos participantes da turma ofertada no quadrimestre 2022.1, que participaram ativamente do SELU e do uso da moeda social, fornecendo relatos de experiência por escrito. Além deste grupo, a amostra inclui mais dois participantes com vivências relevantes no SELU: uma discente da universidade que participou das pesquisas e testes iniciais da ideia de implementação do SELU, e o próprio pesquisador. É importante ressaltar que o pesquisador também faz parte dessa população, tendo sido aluno do CC Dinheiro e Sociedade e, posteriormente, monitor voluntário desse componente curricular. A inclusão das vivências do pesquisador se justifica por seu conhecimento aprofundado do SELU e da moeda social MUS, tanto como usuário quanto como facilitador do processo de aprendizagem de outros alunos. Seus relatos serão utilizados na seção de resultados e discussão para ilustrar e aprofundar a análise das experiências dos alunos com a moeda social, oferecendo uma perspectiva interna e informada sobre o fenômeno em estudo. A amostra não seguiu critérios de seleção e, por ser interdisciplinar, a participação foi aberta a todos os alunos da instituição e, por isso, os participantes eram diversos. Entretanto, todos estavam cursando a mesma disciplina: Dinheiro & Sociedade. Especificamente, um dos participantes da amostra foi o participante da entrevista, enquanto os demais realizaram o relato de experiência.

Universo

A pesquisa aconteceu na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no Campus Jorge Amado, localizada em Itabuna. Segundo o Censo de 2022, Itabuna tem 186.708 moradores. Sobre educação, a cidade tem desafios: a taxa de alunos de 6 até 14 anos é de 96,6%, mas o Índice Desenvolvimento Educação Básica

(IDEB) nos últimos anos do ensino fundamental nas escolas públicas é de apenas 3,5, indicando a necessidade de melhorias na qualidade do ensino (IBGE, 2023).

O Índice de Desenvolvimento Humano da Cidade (IDHMC) de Itabuna é 0,712, visto como médio, indicando progresso social e econômico, mas também vemos áreas que precisam ser melhoradas. A economia local tem um PIB por pessoa de R\$ 19.618,70 e a porcentagem das pessoas com ganho mensal por pessoa de até metade do salário-mínimo era de 39% em 2010. No que se refere a infraestrutura e meio ambiente 81,2 % das pessoas tem acesso ao esgotamento sanitário adequado, mas apenas 49,8 % das ruas são arborizadas e 19,2 % são urbanizadas.

Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Entrevista: para a gravação, foi utilizado um celular para gravar em vídeo o diálogo com o participante.
2. Observação participante: o pesquisador observou o uso da moeda social e as trocas dos estudantes no ambiente do SELU, para coletar dados. Por ter sido aluno do CC Dinheiro e Sociedade e, posteriormente, monitor voluntário desse componente curricular, o pesquisador já estava familiarizado com o ambiente do SELU e com as dinâmicas de uso da moeda social MUS. A observação participante, enriquecida por essa experiência prévia, foi fundamental para complementar os dados obtidos por meio da entrevista e da análise de documentos.
3. Análise de documentos: foi verificado os relatos de experiência escritos pelos alunos, colaborando com a compreensão sobre o uso da moeda social nas suas aprendizagens.

Análise de Dados

A análise de dados foi realizada através da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin. Segundo o autor (Bardin, 2015) essa técnica busca identificar padrões e temas nas vivências relatadas pelos alunos, destacando como a moeda social afeta

a aprendizagem, as dificuldades ao usá-la e como isso ajuda na compreensão dos conceitos introdutórios sobre economia solidária.

A primeira fase dessa técnica de análise de dados é a pré-análise. Bardin (2015) explica que essa fase envolve a leitura inicial dos dados coletados, momento em que o pesquisador faz uma leitura leve do conteúdo para se habituar com o contexto geral, organizando o material para análise, de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. Posteriormente, segue a exploração do material, que inclui a codificação de informações. Nesse momento, o pesquisador segmenta o texto em unidades de significado, identificando palavras-chave, frases ou expressões que refletem as experiências dos discentes no uso da moeda social. Essas unidades são associadas a códigos específicos que ajudam a sintetizar e organizar o conteúdo.

Após a codificação, ocorre o tratamento dos resultados, onde os dados são agrupados em categorias. Essas categorias podem ser temáticas, como as dificuldades encontradas pelos alunos ao utilizar a moeda social, as percepções sobre a economia complementar ou os impactos no aprendizado. Essa etapa visa organizar os dados de forma a facilitar a identificação de padrões e a comparação entre diferentes aspectos das experiências dos discentes (Bardin, 2015). Logo, a interpretação dos dados permite que o pesquisador relate as categorias e temas com os objetivos da pesquisa, compreendendo como o uso da moeda social contribui para a formação dos alunos sobre conceitos de economia e a inclusão de novas formas de aprendizado no contexto acadêmico.

Benefícios da Pesquisa

Os principais benefícios da pesquisa incluíram:

- a) Compreensão sobre moedas sociais: a pesquisa contribuiu para entender melhor como o uso da moeda social MUS impacta os discentes no contexto universitário.
- b) Aprimoramento do Sistema Econômico Local Universitário: com a base nas vivências e visões dos estudantes, foi possível encontrar pontos de melhoria no uso da moeda social e no SELU.
- c) Reflexão acadêmica: os resultados da busca contribuíram com a reflexão sobre o papel de dinheiro e as opções econômicas disponíveis, melhorando a educação dos estudantes sobre a economia geral.

Termo de Adesão do SELU

O Termo de Adesão do SELU é um documento fundamental, pois explicita as regras, valores e princípios que orientam a participação dos membros da comunidade acadêmica da UFSB no uso da moeda social MUS. Ao detalhar as diretrizes que os alunos devem seguir, o termo oferece um contexto essencial para a análise das suas experiências e percepções dentro do SELU. A inclusão completa deste documento no Anexo A se justifica como um complemento à análise documental, evidenciando as normas que regulam as interações e transações no SELU e que são, por vezes, citadas ou implicitamente referenciadas nos relatos dos alunos. A apresentação completa do termo visa, ainda, garantir a transparência e a replicabilidade da pesquisa, oferecendo aos leitores acesso direto às diretrizes que moldaram o contexto do estudo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta e discute os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo geral relatar e analisar as experiências de um grupo de alunos. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2015) para interpretar os dados coletados por meio de relatos de experiência dos alunos e de uma entrevista. Por se tratar de uma pesquisa participante, as vivências do autor – embora não integradas à análise de conteúdo – serão incorporadas à discussão, enriquecendo a análise com sua experiência no cenário da pesquisa, tanto antes quanto durante o desenvolvimento do estudo.

Os discentes que participaram do estudo compartilharam suas experiências, aprendizados e desafios ao utilizar a moeda MUS na plataforma Cyclos, onde o SELU é implementado. A análise desses relatos revelou quatro categorias principais que representam os temas centrais abordados pelos alunos em suas interações com o sistema. A Tabela 1 traz as categorias, subcategorias, a quantidade de ocorrência de cada uma delas e a porcentagem de ocorrência dentro da categoria pai, tanto quanto em relação ao total de ocorrências.

Tabela 1 - Distribuição e porcentagem do número de ocorrências entre as categorias e subcategorias encontradas nos relatos dos alunos.

(continua)

Categorias e subcategorias	N	% Total	% Cat.
1. Facilidade de uso e Acessibilidade da Plataforma.	26	29,5%	100%
Interface Intuitiva.	16	18,2%	61,5%
Recursos de Apoio e Orientação.	10	11,4%	38,5%
2. Impacto Pessoal e Aprendizado.	22	25,0%	100,0%
Transformação na Percepção do Dinheiro.	6	6,8%	27,3%

(conclusão)

Categorias e subcategorias	N	% Total	% Cat.
Desenvolvimento de Conhecimento.	6	6,8%	27,3%
Conexão com a Comunidade.	10	11,4%	45,5%
3. Percepção e Impacto do SELU.	19	21,6%	100,0%
Experiência de uso.	8	9,1%	42,1%
Valores e Princípios da Economia Solidária.	6	6,8%	31,6%
Impacto na Visão de Consumo.	3	3,4%	15,8%
Outras Percepções.	2	2,3%	10,5%
4. Desafios e Sugestões de Melhoria.	21	23,9%	100,0%
Interface e Navegação.	11	12,5%	52,4%
Comunicação e Notificações.	3	3,4%	14,3%
Questões de Acesso e Uso.	3	3,4%	14,3%
Termo de Adesão e Regras do SELU.	4	4,5%	19,0%
Total	88	100%	-

Categoria 1. Facilidade de uso e Acessibilidade da Plataforma.

A primeira categoria, "Facilidade de uso e Acessibilidade da Plataforma", foi dividida em duas subcategorias: "Interface Intuitiva" (16 ocorrências) e "Recursos de Apoio e Orientação" (10 ocorrências). Essa foi a categoria com o maior número de ocorrências (29,5% do total) nos relatos dos discentes da turma 2022.1, demonstrando a importância crucial de uma interface intuitiva e da acessibilidade do SELU para seus usuários. A alta frequência dessa categoria reflete a importância de uma plataforma acessível para incentivar a participação e o engajamento.

Interface Intuitiva (16 ocorrências): Esta subcategoria refere-se à facilidade de navegação e ao layout bem elaborado da plataforma. Com 16 ocorrências, "Interface Intuitiva" foi o subtema mais citado nos relatos, representando 61,5% das ocorrências dentro da categoria "Facilidade de uso e Acessibilidade" e 18,2% do total de ocorrências. Essa frequência ressalta como uma interface amigável contribui para a experiência positiva dos usuários.

Exemplos de relatos:

- *"A plataforma virtual é simplesmente fácil para manuseio para aqueles que querem colocar algum produto ou então mesmo apresentar um serviço através de sua moeda social para a troca de seus produtos."*
- *"Ao utilizar o Sistema Econômico Local Universitário (Selu) vemos que a interface é bem fácil de usar..."*
- *"Confesso que fui surpreendido positivamente pela otimização do site, eu não esperava que o site fosse tão fluido. Naveguei sem problemas, sem travamentos e cada parte que entrei funcionou perfeitamente."*
- *"Minhas experiências foram bem além do campo virtual, embora ter tido o contato com a plataforma, ter percorrido com facilidade por se tratar de uma plataforma didática e bastante fácil de manusear..."*
- *"[...] a plataforma do SELU detalha toda sua vida financeira no sistema. O sistema é de fácil compreensão, senti a necessidade de explorá-lo pouco a pouco para entender por completo a proposta pois, era algo novo para mim."*

A análise desses relatos revela que a intuitividade da interface é um fator importante na aceitação e no engajamento dos usuários com o SELU. A alta porcentagem de ocorrências (61,5% dentro da categoria e 18,2% do total) demonstra que a facilidade de uso não é apenas um detalhe, mas sim um componente muito importante da experiência do usuário. Os comentários positivos sobre a fluidez, otimização e facilidade de compreensão da plataforma, indicam que a plataforma tem elementos que tornam o uso mais acessível até mesmo para aqueles que não possuem familiaridade prévia com sistemas similares ou tem certo grau de dificuldade com tecnologia. Essa percepção positiva pode ser um dos fatores que virão a contribuir para o sucesso do SELU como ferramenta de economia solidária no ambiente acadêmico.

Com base nos relatos dos alunos e na experiência do pesquisador como discente e monitor do CC Dinheiro e Sociedade, observa-se que o SELU passou por um processo contínuo de adaptação e aprimoramento na sua plataforma para atender às demandas dos usuários.

Inicialmente, a MUS era operacionalizada na plataforma IntegralCES, escolhida por suas funcionalidades básicas e pela experiência de outras comunidades. No entanto, ao longo do uso, foram identificadas limitações significativas, especialmente em relação à personalização, suporte técnico e ferramentas de gestão, o que dificultou a adaptação do sistema às necessidades do projeto. Diante desses desafios, optou-se pela migração para a plataforma Cyclos, que se mostrou mais adequada para a implementação do SELU. A plataforma Cyclos permite um maior nível de personalização, conta com um sistema de segurança aprimorado e oferece suporte tanto via web quanto por meio de aplicativo móvel. A adoção do Cyclos possibilitou o monitoramento das dinâmicas de trocas dentro do SELU, permitindo análises contínuas sobre o funcionamento do sistema e facilitando a resolução de possíveis problemas. A transição entre as plataformas foi acompanhada de testes e avaliações, garantindo maior fluidez e confiabilidade no uso da MUS.

A Profa. Luana Sampaio, idealizadora do projeto, em colaboração com outros docentes e servidores da UFSB, desenvolveu um trabalho de pesquisa financiado pelo edital CFCTI (Centro de Formação em Ciência e Tecnologias) em 2020. Os recursos obtidos foram utilizados para contratar um programador e iniciar a personalização da plataforma, implementando melhorias nas funcionalidades, interface e acessibilidade, com base nos relatos de discentes anteriores, incluindo o pesquisador. Essas melhorias resultaram em uma plataforma que tem sido elogiada pelos alunos da turma 2022.1.

Recursos de Apoio e Orientação (10 ocorrências): Esta subcategoria inclui a utilidade dos tutoriais em vídeo e a clareza das informações disponibilizadas. A plataforma SELU oferece um canal no YouTube com tutoriais que visam proporcionar maior clareza ao acessar as ferramentas. A grande maioria dos relatos com essa temática se referiam principalmente aos vídeos tutoriais. Este subtema representa 38,5% das ocorrências dentro da categoria e 11,4% do total de

ocorrências nos relatos, evidenciando a relevância do suporte e da orientação para os usuários.

Exemplos de relatos:

- *"Para levar ao conhecimento a ideia, posicionamento e finalidade do SELU, foram confeccionados vídeos de instruções. Esses vídeos são excelentes, claros e objetivos. Uma ideia que torna ainda mais próximo os estudantes do projeto foi trazer os próprios discentes para familiarizar novos usuários ao projeto, além de posicionamentos de outros docentes. Essa preocupação mostra que esse projeto não tem público limitado e sim ele quer alcançar toda comunidade acadêmica."*
- *"A plataforma SELU-Sistema Econômico Local Universitário, também oferece aos seus usuários para uma maior acessibilidade a ferramentas do site um canal no YouTube, onde em seus vídeos são mostrados tutoriais para uma maior clareza ao acessar ferramentas da plataforma."*
- *"Os vídeos do canal do youtube ajudaram e ajudam muito acerca de direcionar o acesso dos novos cadastrados."*
- *"Depois desse primeiro contato e assistindo os vídeos do youtube tudo ficou mais tranquilo e divertido..."*
- *"[...] percebo o quanto essencial foi a utilização de streaming como o Youtube voltado para ensinar e facilitar assim o acesso a todos os estudantes nessa plataforma de economia solidaria."*

A presença de recursos de apoio e orientação se mostrou um elemento essencial para a adaptação dos usuários ao SELU. A frequência significativa dessa subcategoria (38,5% dentro da categoria e 11,4% do total de ocorrências) reforça a importância de materiais de orientação para facilitar o uso da plataforma. Os relatos evidenciam que os vídeos tutoriais disponíveis no YouTube foram úteis para os discentes, permitindo uma introdução mais clara ao sistema. Além disso, a participação de discentes nos vídeos foi relatada como um diferencial, o que deixa o conteúdo mais próximo do tom dos estudantes e fortalece o senso de comunidade dentro do projeto. Os vídeos tutoriais não apenas melhoraram a experiência dos usuários, mas também contribui para a inclusão e expansão do SELU dentro da

comunidade acadêmica, ajudando a garantir que mais estudantes se sintam confortáveis para explorar e utilizar a plataforma de forma autônoma.

A “Facilidade de uso e Acessibilidade da Plataforma” SELU são, portanto, fatores determinantes para a experiência positiva dos usuários, como demonstrado pela alta frequência com que essa categoria foi mencionada nos relatos. Essa acessibilidade não apenas facilita a interação com a plataforma, mas também pode incentivar a participação e o engajamento da comunidade acadêmica.

Categoria 2. Impacto Pessoal e Aprendizado.

A categoria "Impacto Pessoal e Aprendizado" é a segunda categoria com o maior número de ocorrências da pesquisa, totalizando 22 relatos (25% do total de ocorrências). As 22 ocorrências estão distribuídas entre as subcategorias de "Transformação na Percepção do Dinheiro", "Desenvolvimento de Conhecimento" e "Conexão com a Comunidade", indicando que o SELU promove um impacto multifacetado nos usuários. Essa alta frequência nas ocorrências ressalta a importância do SELU como ferramenta de aprendizado e transformação pessoal, demonstrando o impacto que o sistema e o CC Dinheiro e Sociedade causam nos participantes. Essa categoria demonstra como a experiência com a plataforma vai além da simples transação econômica, influenciando a visão de mundo e o engajamento social dos participantes.

Transformação na Percepção do Dinheiro (6 ocorrências): Esta subcategoria explora como o contato com o SELU e a MUS alterou a compreensão dos discentes sobre o dinheiro e seu papel na sociedade. Os relatos indicam uma mudança de perspectiva dos alunos, que antes focavam nos aspectos aquisitivos, para uma visão mais ampla de como o dinheiro funciona e que considera o impacto social da moeda e a importância da economia solidária. Alguns alunos declararam surpresa ao perceberem que existem alternativas ao sistema capitalista tradicional, que podem beneficiar os menos favorecidos. Embora represente 27,3% das ocorrências de relatos da categoria e 6,8% do total, essa subcategoria revela uma transformação fundamental na forma como os alunos percebem o dinheiro. Essa mudança de mentalidade é evidente nos relatos.

Exemplos de relatos:

- *“Primeiramente tenho que aproveitar para agradecer os conhecimentos absorvidos durante o quadrimestre foram fundamentais para minha compreensão de mundo, a partir de agora dou outro significado ao termo dinheiro que dava automaticamente antes...”*
- *“Mas, ao decorrer do componente foi desconstruindo e construindo um novo olhar a respeito ao dinheiro e como ele é interferido no meio social, sabemos da necessidade do financeiro para a sobrevivência, porém, apenas estamos ligando ao aquisitivo e esquecemos coisas que vão além dele”.*
- *“Está sendo uma experiência única aprender sobre as moedas sociais, visto que elas facilitam a política de trocas de uma comunidade [...]”.*

Esses relatos demonstram que o SELU e a MUS não apenas proporcionam uma alternativa econômica, mas também incentivam uma reflexão sobre o papel do dinheiro na sociedade. A análise revela que a experiência com o SELU vai além da simples transação, provocando uma reavaliação dos valores associados ao dinheiro. A desconstrução da visão tradicional, focada no poder aquisitivo, para uma compreensão mais abrangente que integra o impacto social e a dimensão da economia solidária, é um ponto crucial. A surpresa manifestada por alguns alunos ao descobrirem alternativas ao sistema capitalista demonstra o potencial do SELU em abrir novos horizontes e inspirar práticas econômicas mais justas e igualitárias. Apesar da sua menor frequência em comparação com outras categorias, o impacto desta transformação na percepção do dinheiro pode ser profundo e duradouro, influenciando a forma como os estudantes se relacionam com a economia e a sociedade.

O impacto do SELU se relaciona com a ideia de desmistificação da moeda nacional e a percepção das relações econômicas tradicionais como um exercício de poder, conforme mencionado por Soares (2011, p. 59). A participação no SELU pode levar os alunos a questionarem os valores sociais e antropológicos das moedas nacionais, promovendo uma transformação na forma como percebem o dinheiro e o sistema capitalista. Essa experiência pode despertar nos alunos a consciência de que “a arma dos desprovidos de capital no capitalismo é a solidariedade”, como proposto por Singer (2001, p. 104). A solidariedade ajuda a construir conexões e exercita a empatia, segundo Singer (2001, p. 105), entre os

pobres, a solidariedade não é calculista e a cultura da solidariedade se desenvolve naturalmente.

Desenvolvimento de Conhecimento (6 ocorrências): Esta subcategoria se refere à aquisição de novos conhecimentos sobre economia solidária, moedas sociais, cooperativismo e outras modalidades econômicas. Muitos participantes relataram que não tinham familiaridade com esses conceitos antes de participar do componente curricular e utilizar o SELU. A experiência com a plataforma permitiu que eles compreendessem a teoria na prática, conectando os ensinamentos de autores como Paul Singer com a realidade do sistema. Assim como a subcategoria anterior, essa foi responsável por 27,3% das ocorrências da categoria e 6,8% do total de ocorrências, demonstrando a relevância do aprendizado para a experiência dos alunos com o SELU. A aquisição de conhecimento sobre economia solidária e moedas sociais é fundamental para que os alunos se engajem com a plataforma e compreendam seus valores. Essa conexão entre teoria e prática fica implícito nos relatos.

Exemplos de relatos:

- *“Aprendemos sobre a história, a origem do dinheiro [...] A moeda solidária que já ouvi falar, mas nunca tive experiência em relação a essa modalidade da economia solidária”.*
- *“Eu não tinha uma noção aprofundada sobre economia solidária e a ideia de uma moeda local era algo muito abstrato para mim, agora no fim do componente pude aprender e perceber que uma moeda local pode se materializar e inclusive ser um projeto concreto”.*
- *“ [...] o CC sinalizou um fantástico percurso de aprendizagem e contribuiu com o meu desenvolvimento”.*

Esses relatos demonstram que o SELU não é apenas uma plataforma de trocas, mas também um espaço de aprendizado que transforma a visão dos alunos sobre a economia e a sociedade. Ao analisar os relatos, percebemos que o SELU atua como um catalisador para o desenvolvimento de conhecimento sobre economia solidária e moedas sociais. A falta de familiaridade inicial dos alunos com esses conceitos é superada pela experiência prática gerada pelo uso da plataforma. Essa imersão no

SELU permite que os estudantes conectem a teoria aprendida em sala de aula com a realidade do sistema, facilitando a compreensão dos valores da economia solidária. Esse conhecimento não apenas transforma a visão dos alunos sobre a economia, mas também pode torná-los agentes de mudança em suas comunidades, como citado por um dos discentes em um dos relatos onde diz: “Isso implica em mudar a visão de consumo dos usuários e propagar os aprendizados nos locais onde vivem”.

Essa subcategoria se alinha com a importância da capacitação e do desenvolvimento local mencionados por Primavera (1999), conforme citado por Búrigo (2001, p. 12-13), onde Primavera propôs expandir os clubes para escolas e hospitais, integrando-os ao “comércio justo”. A criação de uma economia solidária como o SELU em universidades concretiza essa visão. Além disso, um CC como Dinheiro e Sociedade capacita os alunos em economia solidária, promovendo a integração e o desenvolvimento de conhecimento sobre a temática.

Conexão com a Comunidade (10 ocorrências): Esta subcategoria destaca como o SELU promoveu a interação e a troca entre os membros da comunidade acadêmica. A plataforma facilitou não apenas a negociação de produtos e serviços, mas também o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de laços. Com 45,5% das ocorrências da categoria e 11,4% do total de ocorrências, essa subcategoria demonstra a importância do SELU como um espaço de encontro e conexão entre os membros. O SELU não é apenas uma plataforma de trocas, mas também um local de interação e construção de relações.

Exemplos de relatos:

- “[...] tornando interessante a troca não só de mercadorias, mas também de interações entre os estudantes”.
- “Pude durante esse tempo entender mais novas formas, conceitos e experiências, como por exemplo a feira solidária que tem um papel importante para a troca de produtos feitos em comunidades independentes”.
- “Despertou em mim a sua utilização após compreender um pouco mais sobre a economia solidária, a possibilidade de trocas em um contexto universitário nos faz imaginar as diversas possibilidades [...]”.

- *“tive o privilégio de conhecer o aluno [...] nas ruas do centro de Itabuna onde percebi quão gracioso é a prática da troca, da economia solidária”*

Esses relatos demonstram que o SELU promove a interação e a troca entre os membros da comunidade acadêmica, fortalecendo os laços de solidariedade. Ao analisar os relatos, o pesquisador pôde observar que o SELU supera a função de ser apenas uma plataforma de trocas, podendo atuar como incentivador da conexão entre os membros, sendo a interação, o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de laços, elementos básicos desse processo de conexão com a comunidade. A feira solidária foi mencionada como um espaço de encontro para os membros, o que fortalece não só o ato das trocas, mas também a conexão entre os participantes. A possibilidade de realizar trocas dentro do ambiente universitário foi vista como uma forma de apoio aos estudantes que enfrentam dificuldades financeiras, por um dos discentes em seu relato. O SELU, portanto, pode contribuir para a criação de um ambiente mais solidário e colaborativo dentro da universidade, para alunos, servidores e docentes.

O SELU promove a interação e a troca entre os membros da comunidade acadêmica, facilitando a negociação de produtos e serviços e o compartilhamento de experiências. Essa conexão é impulsionada por iniciativas como as feiras de trocas, que se destacam como espaços de encontro aberto à comunidade externa e de promoção da economia solidária. A possibilidade de realizar trocas dentro do ambiente universitário pode auxiliar estudantes que enfrentam dificuldades financeiras. O SELU e as feiras de troca incentivam a troca não só de mercadorias, mas também de interações entre os estudantes, promovendo um ambiente de conexão.

Os estudos de Rigo e Filho (2017, p. 189) abordam a importância das relações de confiança e dos laços sociais na economia solidária. Especificamente sobre o papel do uso de moedas sociais e complementares para o desenvolvimento de territórios, os autores apontam a importância de se compreenderem as experiências de uma maneira territorializada, considerando as especificidades de cada contexto (Rigo; Filho, 2017, p. 171).

No caso da experiência do Banco Palmas, Rigo e Filho (2017, p. 190) notaram que a instituição conseguiu construir uma rede de aceitação da moeda no território baseada na relação de confiança. A moeda social não é apenas um

instrumento, mas uma filosofia, e seu uso indica que, além do mercado de bens e serviços e dos mecanismos de redistribuição, existem experiências baseadas em laços sociais. A confiança permeia as relações entre o Banco Comunitário de Desenvolvimento (BCD) e a comunidade, de modo que o uso da moeda está intimamente relacionado ao papel do BCD, sua política, atuação e capacidade de sensibilização dos atores locais (Rigo; Filho, 2017, p. 191).

Búrigo (2001, p. 12) citando Singer (1999) também traz contribuições relevantes sobre a conexão causada pela economia solidária e feiras de troca. Segundo o autor, os clubes de trocas podem ser considerados empreendimentos de economia solidária quando se preocupam em estabelecer novas relações sociais, favorecendo o crescimento solidário de seus membros. Singer (2001, p 105) argumenta que a economia solidária visa transformar as relações econômicas com base nos princípios da cooperação, solidariedade e inclusão, estabelecendo novas relações sociais de produção.

Em essência, tanto Búrigo quanto Singer concordam que a economia solidária, manifestada em clubes de troca e outras iniciativas, busca remodelar as relações econômicas, afastando-se da competição e do individualismo, e avançando em direção a modelos de cooperação e inclusão social. A preocupação com o bem-estar coletivo e o fortalecimento dos laços sociais são, portanto, elementos centrais para definir um empreendimento como parte da economia solidária.

Além disso, Búrigo (2001, p. 14) destaca que a ideia dos clubes de troca e da moeda social pode ser incorporada nas metodologias de programas de desenvolvimento local, pois reforça os laços de confiança e estimula a circulação de bens e serviços entre as comunidades. De forma semelhante, Rigo e Filho (2017, p. 171) mostram que o Banco Palmas e a moeda social Palmas foram criados como uma estratégia dos realizadores para promover o desenvolvimento territorial do conjunto Palmeiras, onde o Banco Palmas visava estimular a economia local, oferecendo crédito a moradores que não tinham acesso a serviços bancários tradicionais.

A categoria "Impacto Pessoal e Aprendizado" comprova que o SELU não é apenas uma plataforma de trocas, mas é também um espaço de aprendizado e de transformação social, que contribui para a formação de cidadãos mais conscientes.

Categoria 3. Percepção e Impacto do SELU.

A terceira categoria central, "Percepção e Impacto do SELU", totaliza 19 relatos (21,6% do total de ocorrências). As 19 ocorrências estão distribuídas entre as subcategorias de "Experiência de uso", "Valores e Princípios da Economia Solidária", "Impacto na Visão de Consumo" e "Outras Percepções". Essa categoria demonstra como a experiência com a plataforma influencia a visão de consumo dos usuários, também relata algumas experiências que os discentes tiveram em relação ao uso da plataforma e os valores e princípios que encontraram e fizeram relação durante os estudos e utilização da moeda MUS.

Experiência de uso (8 ocorrências): Esta subcategoria concentra-se nos relatos dos usuários sobre suas experiências práticas ao utilizar o SELU, incluindo a compra e venda de produtos e serviços, a utilização da moeda MUS e a interação com a plataforma. A subcategoria representa 42,1% das ocorrências da categoria e 9,1% do total. Essa vivência permite aos usuários experimentarem na prática os princípios da economia solidária.

Exemplos de relatos:

- *"No site vendemos e compramos, ou melhor dizendo é uma feira de troca, você oferece o que é de valor pra você e o outro colega oferece o que é de valor pra ele, pode ser bens materiais ou até um dom, foi o meu caso, vendi uma muda de suculenta e comprei uma arte, uma bota, um marca texto, entre outros objetos [...]"*
- *"Além disso a intermediação através de mensagens que pode ocorrer por meio de um contato direto na plataforma com aquele que está ofertando o produto ou serviço contribui para que ocorra um maior acordo ou tentativa de contraproposta, facilitando assim o mecanismo de troca com o SELU"*
- *"A plataforma do SELU permite aos seus usuários um equilíbrio econômico fazendo com que o dinheiro circule na comunidade e o seu saldo mantenha-se positivo."*
- *"Minha primeira oferta cadastrada foi uma bota infantil pouco usada pela minha filha e que não serve mais para ela, podendo servir para outra criança, realizando um consumo consciente que é um dos princípios da Economia Solidária."*

Ao analisar esses relatos, fica evidente que a experiência de uso do SELU é um elemento importante na compreensão e internalização dos princípios da economia solidária. Os usuários não apenas aprendem sobre o conceito, mas também têm a oportunidade de vivenciar por meio da compra e venda de produtos e serviços, da utilização da moeda MUS e da interação com a plataforma. Essa experiência prática permite que eles desenvolvam uma nova perspectiva sobre o consumo, a produção e as relações econômicas.

Valores e Princípios da Economia Solidária (6 ocorrências): Esta subcategoria aborda a percepção dos usuários sobre os valores e princípios da economia solidária presentes no SELU, como a solidariedade, a sustentabilidade, o consumo consciente e a troca justa. Essa subcategoria corresponde a 31,6% das ocorrências da categoria e 6,8% do total. Os relatos demonstram que o SELU promove uma reflexão sobre o consumo e incentiva práticas mais responsáveis e solidárias.

Exemplos de relatos:

- *“Com o uso desse sistema há uma preocupação com a solidariedade e sustentabilidade, pois, sabemos que há uma preocupação com a preservação do meio ambiente e a compreensão do consumo consciente”.*
- *“Essa moeda social virtual, rege os princípios da economia solidária pautada na troca justa e genuína entre os integrantes do grupo desenvolvidos na comunidade acadêmica da UFSB/CJA onde todo seu objetivo é voltado para uma política social justa, consciente, sustentável igualitária e diversificada na prática do consumo”.*
- *“Quando aprofundamos na história geral dos SELU e seus objetivos é impossível não detectar em todos os ângulos o fator primordial da economia solidária baseada inteiramente na relação consciente, humanizada, participativa, colaborativa e justa fomentada nos princípios de Paul Singer, no consumo solidário, alternativa inovadora, inclusão social, democracia, autogestão, cooperação, respeita a natureza, baseando na pastilha de resultados. E por que não pensarmos até mesmo em uma reação a resposta ao capitalismo?”*

Esses relatos evidenciam que o SELU não é apenas uma plataforma de trocas, mas também um espaço de promoção dos valores e princípios da economia solidária, ficando evidente que o SELU atua como disseminação e prática dos valores e princípios da economia solidária entre seus usuários. A ênfase na solidariedade, sustentabilidade, consumo consciente e troca justa demonstra o compromisso do SELU em promover uma economia mais humana e responsável. Os relatos sugerem que o SELU incentiva os usuários a repensarem seus hábitos de consumo e a adotarem práticas mais alinhadas com os princípios da economia solidária, como o consumo consciente e a valorização de produtos e serviços de origem local e sustentável. Além disso, o SELU parece estimular uma reflexão sobre o sistema capitalista e a busca por alternativas econômicas mais justas, igualitárias e menos competitivas.

De acordo com o termo de adesão do SELU, disposto no Anexo A, os valores basilares que norteiam a participação na comunidade acadêmica, através da moeda social MUS, são a solidariedade, a prosperidade, a sustentabilidade e o senso comunitário. Esses valores refletem o compromisso do SELU em promover uma economia mais humana, responsável e alinhada com os princípios da Economia Solidária.

Soares (2011, p. 55) contribui para a discussão dos valores e princípios da Economia Solidária ao destacar como estes se manifestam nas iniciativas de moedas sociais. Para a autora, o objetivo é recolocar a economia a serviço das finalidades sociais e reintegrar seus valores à esfera sociocultural. A autora aponta como princípios fundamentais “a prática da solidariedade, a busca da autonomia e o compromisso com a responsabilidade perante a sociedade e o meio ambiente” (Soares, 2011, p. 62). Soares (2011, p. 67) adiciona que as experiências com moedas sociais estimulam debates sobre ética e padrões de desenvolvimento, promovendo a reintegração dos objetivos econômicos aos imperativos ético-sociais, e fomentando a discussão da solidariedade social e de novas rationalidades econômicas.

Impacto na Visão de Consumo (3 ocorrências): Esta subcategoria se refere à mudança na forma como os usuários percebem o consumo após a experiência com o SELU. Os relatos apontam para uma maior conscientização sobre o poder do

consumidor e a importância de escolhas mais responsáveis. A subcategoria representa 15,8% das ocorrências da categoria e 3,4% do total.

Exemplos de relatos:

- *“O SELU, também busca em sua proposta mostrar a comunidade que o utiliza o seu poder não só de consumidora, mas também o papel daquela que oferta o produto, deixando de ser do que podemos chamar de comunidade ativa economicamente já que todos podem oferecer e comprar serviços, desde aqueles com menor número de moedas aquele com maior número de moedas”.*
- *“ [...] logicamente mudando a visão de consumo desses usuários, e assim os fazendo propagar seus aprendizados nos locais onde convivem e principalmente trazendo transformações pessoas partindo do princípio que os usuários passarão a consumir com mais responsabilidade”.*

Ao analisar esses relatos, percebe-se que o SELU tem um impacto na forma como os usuários compreendem o consumo. A experiência com a plataforma parece despertar uma consciência sobre o papel que cada um tem de consumidor, passando a se ver como um agente ativo na economia, capaz de influenciar as relações de produção e distribuição, e que não temos apenas o papel de consumidores, mas também de produtores e ofertantes de bens e serviços. Os relatos sugerem que o SELU incentiva os usuários a fazerem escolhas mais responsáveis, considerando não apenas o preço e a qualidade dos produtos e serviços, mas também o seu impacto social e ambiental. Em resumo, o SELU ajuda na transformação da visão de consumo dos seus usuários, promovendo a conscientização e a reflexão sobre as práticas de consumo, trazendo mais responsabilidade em suas práticas.

Dowbor (2018, p. 122), em sua análise, oferece uma crítica contundente ao consumo exacerbado e à forma como este é fomentado pelo sistema econômico vigente. Ele argumenta que o consumismo obsessivo está intrinsecamente ligado à publicidade e aos interesses das grandes corporações, criando um ciclo vicioso que prejudica o funcionamento democrático da sociedade.

Outras Percepções (2 ocorrências): Esta subcategoria engloba outras percepções e reflexões dos usuários sobre o SELU que não se encaixam nas subcategorias anteriores. Essa subcategoria representa 10,5% das ocorrências da categoria e 2,3% do total.

Exemplo de relato:

- *[...] me chamou atenção o fato de haver reuniões a cada quadrimestre para possíveis modificações no SELU e no termo de adesão, isso abre um leque de possibilidades para que a plataforma fique cada vez melhor para participantes futuros, como também contribui para o desenvolvimento do site”.*

Esses relatos demonstram que o SELU é um sistema em constante evolução, que busca se adaptar às necessidades e sugestões dos usuários. Ao analisar esses relatos, é possível inferir que os usuários do SELU valorizam a abertura da plataforma para o feedback e a participação da comunidade em seu desenvolvimento. A equipe gestora realiza reuniões a cada quadrimestre para discutir possíveis modificações no SELU e no termo de adesão, essa prática demonstra o compromisso em promover melhorias na plataforma e em garantir que ela atenda às necessidades dos seus usuários. Essa abordagem participativa pode contribuir para o fortalecimento da colaboração entre os membros da comunidade do SELU, incentivando que os membros se envolvam na construção de um sistema econômico mais solidário e igualitário.

A categoria "Percepção e Impacto do SELU" demonstra que o SELU não é apenas uma plataforma de trocas de serviços e/ou produtos, mas também um espaço de aprendizado, reflexão e transformação social, que ajuda na formação de cidadãos mais conscientes em relação ao consumo exagerado, à sustentabilidade, a solidariedade e outros princípios da economia solidária.

Categoria 4. Desafios e Sugestões de Melhoria.

A quarta categoria central, "Desafios e Sugestões de Melhoria", totaliza 21 relatos (23,9% do total de ocorrências). As 21 ocorrências estão distribuídas entre as subcategorias de "Interface e Navegação", "Comunicação e Notificações", "Questões de Acesso e Uso" e "Termo de Adesão e Regras do SELU". Essa categoria

demonstra o interesse dos usuários em contribuir para o aprimoramento da plataforma.

Interface e Navegação (11 ocorrências): Esta subcategoria concentra-se nas sugestões dos usuários para aprimorar a interface e a navegação da plataforma, incluindo a organização dos produtos, os filtros de busca e o carrinho de compras. A subcategoria representa 52,4% das ocorrências da categoria e 12,5% do total. Essas sugestões visam tornar a plataforma mais intuitiva e fácil de usar.

Exemplos de relatos:

- *“Também colocaria uma lista de ofertas com todos os itens disponíveis, amostra. Os já vendidos faria uma lista de não disponíveis”.*
- *“[...] mas poderia melhorar se colocasse além desses tópicos todos os produtos ofertados, e se caso o membro do SELU quisesse algo específico, clicaria no tópico que estivesse procurando.”*
- *“[...] nas buscas de produtos poderia mudar já que não pode colocar as ofertas logo no início ao invés de selecionar a categoria dos produtos, colocasse a quantidade de itens que tem na categoria.”*
- *“Um outro ponto a ser melhorado é colocar a configuração do carrinho de compras nos anúncios e assim ficar mais fácil de fazer o pagamento, porque na hora de pagar tem que ir no perfil do usuário ao invés de fazer na página do anúncio que redirecionaria a página para fazer o pagamento”.*
- *“Como proposta para a plataforma, acredito que as compras anteriores efetivadas deveriam permanecer no SELU em que todos os usuários tivessem acesso como exemplificação de quais produtos e serviços poderiam ter sucesso para os novos membros pois assim mesmo o produto não estando mais em disponibilidade para venda, ele serviria de propaganda.”*

A subcategoria “Interface e Navegação” foca nas sugestões dos usuários para otimizar a experiência na plataforma. Essas observações buscam tornar o SELU mais ainda mais intuitivo e assertivo.

As sugestões incluem melhorias na organização dos produtos e ofertas:

- Listar todas as ofertas disponíveis, com indicação dos itens já vendidos.
- Exibir a quantidade de itens por categoria.
- Facilitar o pagamento, adicionando a configuração do carrinho de compras diretamente nos anúncios.
- Manter um histórico de compras anteriores como referência para novos usuários.
- Campo para avaliação do produto ou serviço adquirido.

Alguns discentes demonstraram preocupação em como tornar a busca mais eficiente e o processo de compra mais direto. Tais comentários demonstram que os membros da comunidade acadêmica reconhecem a importância da usabilidade da plataforma e desejam contribuirativamente para o seu aprimoramento. Ao implementar essas melhorias, o SELU pode aumentar o engajamento dos usuários.

Comunicação e Notificações (3 ocorrências): Esta subcategoria aborda a necessidade de aprimorar a comunicação e as notificações na plataforma, incluindo o envio de e-mails e mensagens no celular. Essa subcategoria corresponde a 14,3% das ocorrências da categoria e 3,4% do total. As sugestões visam facilitar a comunicação entre os usuários e mantê-los informados sobre as atividades na plataforma.

Exemplos de relatos:

- *“Na melhoria da plataforma poderia ter as notificações no e-mail, pois nem sempre vamos ter acesso ao site, de quando foi vendido ou de quando foi comprado o produto ofertado, e a notificação chegando no e-mail teríamos mais praticidade para sabermos mais sobre o que está ocorrendo dentro da plataforma”.*
- *“Em meu último acesso a plataforma, fui procurar ver se um usuário havia me respondido a uma pergunta sobre se o produto ainda estaria disponível, e fiquei pensando que se houvesse uma mensagem, no celular, quando o usuário respondesse, provavelmente, facilitaria a compra ou qualquer outra transação, visto que seria um lembrete”.*

A subcategoria “Comunicação e Notificações” destaca a importância de aprimorar a comunicação dentro da plataforma SELU, com o objetivo de manter os usuários informados e engajados. As sugestões focam em tornar a comunicação mais eficiente.

Os usuários sugerem melhorias como:

- Notificações por e-mail sobre vendas e compras, para maior praticidade.
- Alertas no celular quando um usuário responde a uma pergunta, facilitando a comunicação e as transações.
- Incentivo à participação através de e-mails, lembrando os membros de fazerem ofertas e verificarem produtos de outros usuários. Assim como atualizações sobre adição de novas ofertas na plataforma.

Relatos como esses demonstram que a implementação dessas melhorias pode facilitar a comunicação entre os usuários e mantê-los informados sobre as atividades na plataforma. Uma comunicação eficiente contribui para o bom funcionamento do SELU e pode ajudar a aumentar o engajamento da comunidade acadêmica com a plataforma.

Uma estratégia de comunicação eficaz é essencial para o sucesso da plataforma. As notificações pelo aplicativo e e-mail podem ser uma ferramenta poderosa para motivar o uso, agilizar a comunicação e aumentar o engajamento. O segredo é encontrar o equilíbrio ideal, evitando o spam, que pode provocar desinteresse e prejudicar a experiência do usuário.

Além disso, a transparência na contabilidade é garantida pela divulgação periódica dos saldos dos membros na plataforma Cyclos. Em casos de inatividade, os usuários recebem um comunicado por e-mail e têm um prazo para realizar alguma transação, evitando o abandono do sistema.

Questões de Acesso e Uso (3 ocorrências): Esta subcategoria se refere aos desafios e sugestões relacionados ao acesso e uso da plataforma, incluindo a recuperação de senha e a avaliação de compras. Essa subcategoria representa 14,3% das ocorrências da categoria e 3,4% do total.

Exemplos de relatos:

- *“Sobre a recuperação de senha: colocaria dois e-mails um para entrada com login e outro para recuperação de senha do login anterior”.*
- *“As notificações de transações realizadas, é importante no quesito da finalização da venda em que é possível identificar o interesse dos outros usuários sobre o seu produto divulgado ou que está ofertando, a avaliação de compra acrecido que tem papel essencial para que haja um retorno sobre a prática de como os usuários estão utilizando esse serviço”.*

A subcategoria “Questões de Acesso e Uso” aborda os desafios e sugestões para aprimorar a segurança e a confiabilidade da plataforma SELU, incluindo a recuperação de senha e a avaliação de compras. Essas observações visam tornar o acesso e o uso da plataforma mais seguros e confiáveis.

As sugestões dos usuários incluem:

- Implementar dois e-mails distintos para login e recuperação de senha.
- As notificações de transações realizadas são importantes para a finalização da venda, pois é possível identificar o interesse dos outros usuários sobre o produto divulgado.
- Implementar um sistema de avaliação de compras, permitindo um retorno sobre a prática de como os usuários estão utilizando o serviço.

Os relatos demonstram que os usuários valorizam a segurança e a transparência na plataforma. Ao implementar essas melhorias, o SELU pode aumentar a confiança dos usuários.

Termo de Adesão e Regras do SELU (4 ocorrências): Esta subcategoria engloba as sugestões relacionadas ao termo de adesão e às regras do SELU, incluindo a clareza das informações e o tempo de antecedência para a saída da plataforma. Essa subcategoria representa 19% das ocorrências da categoria e 4,5% do total.

Exemplos de relatos:

- *“Sobre o Termo de adesão, os valores estão entrelaçados com as experiências do componente e do SELU. Acerca do que não pode ser comercializado no SELU, eu acredito que pode haver uma explicação maior sobre os trabalhos acadêmicos que não podem ser comercializados na plataforma pois, isso gerou dúvidas relacionado a uma oferta de serviço no site”.*
- *“Sobre a saída de SELU, o termo de adesão pede para que o usuário informe com 30 dias de antecedência a saída, acredito que esse tempo possa ser um pouco encurtado, só por uma questão de facilidade para o usuário. Contudo, é muito interessante e positivo o fato da possibilidade de doação do saldo para um outro usuário do SELU, o que fomenta ainda mais a comunicação e a troca entre os participantes da plataforma”.*
- *“Como foi debatido em sala de aula, talvez a questão da proibição que consta no termo de adesão sobre o auxílio na realização de atividades acadêmicas, não está de maneira tão clara e possa ser um termo a ser reavaliado para que possa ficar de maneira mais clara sobre as permissões e possibilidades na utilização para todos os usuários do SELU.”*

A subcategoria “Termo de Adesão e Regras do SELU” abrange as sugestões relacionadas à clareza das informações presentes no termo de adesão e às regras do SELU, incluindo o tempo de antecedência para a saída da plataforma.

As sugestões e percepções dos usuários incluem:

- Esclarecimentos sobre a comercialização de trabalhos acadêmicos: Alguns usuários expressaram dúvidas sobre a proibição da comercialização de trabalhos acadêmicos na plataforma, sugerindo a necessidade de uma explicação mais detalhada no termo de adesão.
- Prazo de antecedência para a saída da plataforma: A sugestão é que o prazo de 30 dias de antecedência para informar a saída do SELU seja reduzido, visando facilitar o processo para o usuário.

Esses relatos indicam que os valores do termo de adesão estão interligados com as experiências no componente curricular e no SELU. A possibilidade de doar o saldo para outro usuário do SELU no momento da saída é vista como um ponto positivo, fomentando a comunicação e a troca entre os participantes. O termo de adesão tem papel fundamental dentro da plataforma, serve com diretriz para as boas e más práticas dos usuários, assim como apresenta os valores da economia solidária. O termo foi citado implícita ou explicitamente em outros trechos dos relatos dos alunos, mas para essa seção foi apenas avaliado as sugestões de melhorias indicadas pelos usuários.

A experiência em turmas anteriores revelou que a proibição de comercializar trabalhos acadêmicos é um ponto que gera dúvidas entre os participantes. Para melhorar o entendimento, o termo de adesão poderia ser mais claro ao distinguir entre a proibição de trabalhos acadêmicos e a permissão de serviços relacionados, como aulas de reforço e palestras.

A categoria "Desafios e Sugestões de Melhoria" demonstra que os usuários estão dispostos a contribuir para o aprimoramento da plataforma, visando torná-la uma ferramenta ainda mais eficiente e útil para a comunidade acadêmica.

6. CONCLUSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo geral relatar e analisar as experiências dos alunos da UFSB ao usar a Moeda Universitária Solidária MUS no Sistema Econômico Local Universitário, no contexto do componente curricular Dinheiro e Sociedade. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, pode-se indicar que o objetivo proposto foi alcançado.

Os resultados reunidos podem servir de *insights* para que a equipe gestora do SELU discuta e aprimore a plataforma, utilizando como base os pontos fortes e fracos encontrados, além de implementar outras melhorias que poderiam ajudar no engajamento dos usuários. Para que o SELU alcance seu potencial, é importante investir no fortalecimento dos aspectos positivos identificados, o que pode ser feito através da criação de mais espaços de interação e troca entre os membros da comunidade, como feiras e eventos temáticos, da realização de oficinas e *workshops* sobre economia solidária e consumo consciente, e da valorização das ações dos alunos que utilizarem a plataforma. Ao mesmo tempo, é fundamental que a equipe gestora esteja atenta aos pontos fracos e desafios identificados na pesquisa.

Acerca das limitações presentes nessa pesquisa, ressaltam-se o fato de que a amostra não seguiu critérios de seleção específicos, sendo a participação aberta a todos os alunos da instituição que se matricularam no CC Dinheiro e Sociedade no quadrimestre 2022.1. Adicionalmente, o tamanho reduzido da amostra, composta por 13 alunos, pode não representar a totalidade dos alunos da instituição, embora corresponda a uma fração de 72 alunos que já participaram que do SELU ao longo de 7 ofertas do componente curricular.

Posto isso, em relação às futuras investigações, recomenda-se a realização de estudos que busquem aprofundar a compreensão acerca do impacto do SELU e da moeda social MUS nos diferentes campi da UFSB. Ademais, sugere-se expandir a pesquisa para incluir servidores e professores da UFSB, que podem trazer diferentes visões e um estudo mais amplo. Recomenda-se, também, a utilização de outros materiais para análise, como entrevistas e perguntas mais direcionadas, possibilitando extrair mais insights sobre assuntos mais específicos. Além disso, uma ideia é trazer feedbacks dos usuários da plataforma de tempos em tempos, isso

pode ajudar a resolver o problema de quantidade de amostras em futuras investigações.

7. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2015. 288 p.

BRITO, Eloá Cabreira; OLIVEIRA, Carolina Masiero, **Bancos comunitários de desenvolvimento e moedas sociais**: a experiência pioneira do banco de palmas. Revista Orbis Latina, Foz do Iguaçu, v. 9, n. 2, p. 23-36, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/1582/1613>. Acesso em: 04 abr. 2024.

BÚRIGO, Fábio Luiz. **Moeda social e a circulação das riquezas na economia solidária**. 2001. 15 p. Conclusão da disciplina Análise Sócio-Política do Sistema Financeiro no Capitalismo Contemporâneo (Pós-Graduação em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://www.ifil.org/rcs/biblioteca/burigo.htm>. Acesso em: 04 abr. 2024.

COSTA, Bianca Lima; DIAS, Marcelo Miná; SILVA, Marcio Gomes da. **Economia solidária e extensão universitária**: vinte anos da incubadora tecnológica de cooperativas populares da universidade federal de viçosa. Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise. Brasília, v. 29, n. 76, p. 141-155, out. 2023. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12708/10/BMT_76_economia_solidaria.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

COSTA, Fernando Nogueira da. Conceito de dinheiro. In: **Economia Monetária e Financeira**: uma abordagem pluralista. 2. ed. Campinas: Blog Cultura & Cidadania, 2020. cap. 2, p. 72-100. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/02/fernando-nogueira-da-costa-economia-monetaria-e-financeira-2a.-ediccca7acc830-revista-2020-1.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?. 2. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2018. 320 p. Disponível em: <https://dowbor.org/wp->

content/uploads/2018/11/Dowbor_-_A-ERA-DO-CAPITAL-IMPRODUTIVO.pdf.
Acesso em: 14 maio 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 192 p.

IBGE. Itabuna – BA. 2023. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itabuna>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. atual. São Paulo: Atlas, 2017. 368 p.

LECHAT, Noëlle Marie. **As Raízes Históricas da Economia Solidária e seu Aparecimento no Brasil**. In: Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, 2., 2002, Campinas. Anais eletrônicos [...]. Campinas: UNICAMP, 2002. n.p. Disponível em:
https://base.socioeco.org/docs/raizes_histor.pdf. Acesso em: 09 ago. 2022.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Características essenciais do Kula. In: **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução: Anton P. Carr, Lígia Aparecida Cardiere Mendonça. 2. ed. rev. São Paulo: Abril Cultural, 1978. cap. 3, p. 71-86. Disponível em:
https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Do_cfoc.com-MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Ocidental-Os-Pensadores.pdf.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *Separata de: Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosacnaiy, 2003. cap. 2, p. 183-314. Disponível em:
https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/mauss_m_ensaio_sobre_a_dadiva.pdf. Acesso em: 3 ago. 2022.

OLIVEIRA, Carlyle Tadeu; TELES, Barbara; RODRIGUES, Edgard; CHAVAO, Norma. **O Papel das Universidades no Fomento às Políticas Públicas de**

Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro. Diálogo, Canoas, n. 49, p. 01-15. mai. 2022. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/9095>. Acesso em: 29 jul. 2022.

RIGO, Ariadne Scalfoni; FILHO, Genuato Carvalho de França. **O paradoxo das Palmas**: análise do (des)uso da moeda social no “bairro da economia solidária. 2017. Cad. Ebape.br, v. 15, n. 1, p. 169-193, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebapec/15/1/169-193>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus Economia capitalista**. 2001. Brasília, Rev. Soc. estado. v.16 n.1-2, p. 100-112, dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922001000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 26 jul. 2022.

SOARES, Claudia Lucia Bisaggi. **A moeda social e a economia solidária no brasil: instrumentos para um novo padrão de desenvolvimento?**. 2011. Revista Orbis Latina, v. 1, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/488/437>. Acesso em: 12 ago. 2022.

THÉRET, Bruno. **Os três estados da moeda**: abordagem interdisciplinar do fato monetário. Campinas, Economia e Sociedade, v. 17, n. 1 (32), p. 1-28, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/hjr9M4CywD45VHwcQSsQt3d/?lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez Editora, 2011. Disponível em: <https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2018/08/7-metodologia-da-pesquisa-ac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE ADESÃO DO SELU

TERMO DE ADESÃO DO SELU SISTEMA ECONÔMICO LOCAL UNIVERSITÁRIO

Pelo presente Termo de Adesão, eu ingresso no SELU com a intenção de vender meus produtos e/ou prestar meus serviços, assim como adquirir produtos e serviços. Também estou ciente e de acordo com os termos abaixo, estabelecidos pelos membros do SELU.

Valores do SELU:

- Solidariedade; Prosperidade; Sustentabilidade e Senso Comunitário.

Princípios do SELU:

- Apoio mútuo e corresponsabilidade;
- Equilíbrio econômico, fazendo o dinheiro circular, realizando transações de maneira a manter o saldo positivo ou próximo do zero;
- Auto-gestão, rede distribuída e empoderamento coletivo;
- Auto-conhecimento e integração social, ofertando com base nas habilidades e potencialidades individuais e nas demandas que surgem no coletivo;
- Busca de uma economia que seja regenerativa, sustentável em suas práticas (com o Planeta, a comunidade e consigo mesmo).

O que NÃO pode ser comercializado no SELU:

- Produtos e serviços ilegais;
- Medicamentos;
- Substâncias psicoativas;
- Bebidas alcóolicas;
- Animais[1];
- Empréstimos com juros ou acréscimos;
- Trabalhos acadêmicos de qualquer espécie;

- Nenhum produto ou serviço que envolva exploração indevida de recursos humanos ou naturais;
- Outros serviços e produtos omissos deverão ser encaminhados para decisão da gestão do SELU, que poderá realizar apreciação da matéria e deliberação em reunião.

Requisitos de ingresso no SELU:

- Ser membro/a da comunidade acadêmica da Universidade Federal do Sul da Bahia, estudantes e/ou servidores/as que contenham número de matrícula ou SIAPE, respectivamente;
- Possuir e-mail institucional da UFSB para ser vinculado ao SELU, por meio do qual validará seu cadastro e receberá as notificações do Sistema;
- Assistir todos os nossos vídeos de apresentação e de instrução para uso da plataforma Cyclos, disponíveis na nossa página: <http://communities.cyclos.org/selu>;
- Ter mais de 18 anos;
- Cadastrar, no mínimo, uma oferta e um anúncio de demanda no Cyclos. Além de realizar, no mínimo, uma transação a cada três meses.

[1] Cães e gatos podem ser anunciados para adoção.

Dos membros do SELU:

- Participante: são membros que ofertam e demandam produtos/serviços no sistema, realizam e registram suas transações através do Cyclos e participam das Feiras de Trocas;
- Organizadores/as: são participantes que organizam as Feiras de Trocas, organizam o Espaço do Desapego e acompanham as reuniões periódicas do SELU;
- Gestores/as: são participantes que possuem conhecimento amplo do SELU, organizam as reuniões periódicas do SELU, trabalham com a contabilidade e a gestão do sistema, acolhem e fornecem orientação aos novos membros, gerenciam as saídas e abandonos do sistema, cuidam da manutenção da plataforma e da comunicação.

Comunicação do SELU

Os membros poderão fazer contato com a gestão do SELU enviando mensagem para a conta da administração na plataforma Cyclos, ou utilizando os contatos disponibilizados na mesma plataforma;

Utilizaremos o Instagram “SELU.UFSB” para impulsionar as ofertas e demandas do SELU, para compartilhar conteúdos relacionados com os princípios da Economia Solidária e para fazer comunicados/convites aos membros, em caso de reuniões, Feiras de Trocas e outras ações vinculadas ao SELU;

As reuniões do SELU serão divulgadas pelo Instagram e por mensagem aos membros enviadas através da plataforma Cyclos;

A fim de manter a transparência na contabilidade do SELU, os saldos de cada membro serão periodicamente divulgados através da plataforma Cyclos, juntamente com alguns indicadores econômicos do SELU.

Saída do SELU:

O processo de saída do SELU será feito levando em consideração a realidade de cada participante, respeitando os acordos abaixo.

- A saída é livre, no entanto pedimos que nos envie uma mensagem pela plataforma Cyclos, para a conta da administração, com 30 dias de antecedência, comunicando e, se possível, justificando sua saída;
- É necessário **zerar o saldo** para sair do SELU:
 - Saldo positivo – Pode ser usado em consumo ou doado para um/a integrante do SELU;
 - Saldo negativo – Consulte os anúncios, onde constam as demandas, e certamente encontrará algo para oferecer em benefício da comunidade e, assim, zerar seu saldo;
 - Abandono – em caso de abandono, o saldo (positivo ou negativo) será dividido e pago em partes iguais por todos os membros que permanecem no SELU;
 - O tempo para zerar o saldo será de 30 dias corridos após a comunicação de saída **por escrito**. Os/as gestores/as do SELU poderão auxiliar na busca de soluções para tal questão. Após este período, será considerado abandono do sistema.

- Caso fique mais de 3 meses sem movimentação, o/a integrante receberá um comunicado por e-mail e terá 30 dias corridos para realizar alguma transação. Se isto não ocorrer, será considerado abandono do sistema.

Das transações no SELU:

- As transações serão feitas diretamente pelos/as integrantes interessados/as;
- Utilizaremos a plataforma Cyclos;
- Cada membro é responsável pela atualização do seu cadastro;
- O/a **vendedor/a** e **comprador/a** são inteiramente responsáveis por registrar a transação no sistema, no momento da transação ou compensação;
- Cada vendedor/a é responsável pela entrega e qualidade do produto e/ou serviço;
- Todas as transações devem ser feitas exclusivamente em MUS (M\$), não havendo lastro no Real e nem possibilidade de conversão;
- Em caso de inatividade de alguma conta por 3 meses, a conta pode ser categorizada como Abandono, os/as Gestores/as e outros/as participantes atentos/as entrarão em contato para saber da situação;
- Estimulamos que os membros usem as ferramentas de Referência de usuários e Qualificação das transações para indicar a qualidade dos serviços e produtos comercializados, auxiliando outros usuários em negociações futuras.

Das mudanças no Termo de Adesão do SELU:

- A cada quadrimestre, será feita uma reunião aberta de avaliação e celebração do SELU, onde serão apresentadas, caso existam, sugestões de mudanças e aprimoramento, que serão validadas ou não pelos participantes presentes. A cada processo de renovação do Termo de Adesão será necessário novo procedimento para firmar o novo acordo por meio da plataforma.

Encerramento do SELU:

- Quando a equipe gestora decidir pelo encerramento do SELU, esta enviará comunicado por e-mail para todos/as participantes dando um prazo de um mês para que possam zerar suas contas antes do encerramento.

Descumprimento dos termos presentes neste documento:

- Se um/a membro do SELU descumprir com algum dos termos presentes neste documento, este/a integrante poderá perder seu cadastro no sistema. Estes casos serão discutidos e encaminhados em reunião.

Este Termo de Adesão é válido até sua renovação.